

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
SALVAR A CINEMATECA BRASILEIRA
3 de dezembro de 2021

MANGUEIRA EM 2 TEMPOS / 2019

Um filme de Ana Maria Magalhães

Realização, Produção e Argumento: Ana Maria Magalhães / Direção de Fotografia: Jacques Cheuiche / Som: Tiago Tostes e Pedro Sá Earp / Montagem: Terêncio Porto / Música Original: Fernando Moura / Produção de Finalização: Ade Muri / Produção: Nova Era / Coprodução: Canal Brasil / Entrevistados: Mestre Wesley, Érika, Buí do Tamborim, Danielle, Michele, Tathy, com participações de Alcione e Ivo Meirelles / Cópia: DCP, a cores, falado em português e com legendas em inglês / Duração: 89 minutos / Estreia Mundial: 12 de dezembro de 2019 no Festival do Rio, Brasil / Primeira Apresentação na Cinemateca.

Com a presença de Ana Maria Magalhães.

Não é só o samba e o *funk* que são marcados pelas batidas em dois tempos. A vida também, duas ou mais batidas, na realidade. Mostra-nos isso e muito mais o documentário de Ana Maria Magalhães, um dos rostos mais emblemáticos do Cinema Novo, tendo sido atriz de Nelson Pereira dos Santos e de Glauber Rocha, entre outros. Magalhães regressou a um assunto antigo, objeto de um vídeo-documentário lançado em 1992, *Mangueira do Amanhã*, para reencontrar, agora adultas, as crianças de uma importante escola de samba da cidade do Rio de Janeiro. Um lugar que representou para os principais entrevistados deste novo documentário uma autêntica escola de vida, onde lhes foi concedida a oportunidade de seguirem um “rumo certo”, isto é, de escaparem às malhas da droga e do crime. Nem todos conseguiram fugir ao destino traçado pela faceta mais dura da vida na favela, mas os que escaparam fizeram-no de cabeça levantada, confiantes nas suas capacidades, ora dentro, ora fora da música. *Mangueira em 2 Tempos* celebra estes homens e mulheres, sendo simultaneamente uma forma de a realizadora retribuir a amizade, que nunca se perdeu, com os retratados desse seu filme lançado há mais de 30 anos.

O que no filme de Ana Maria Magalhães se enaltece, de maneira muito clara, é a importância das escolas de samba como a do bairro da Mangueira, nomeadamente para crianças com poucas expectativas de poderem contrariar a sua condição social. Fala-se de música, toca-se e dança-se samba, *funk* e *jazz*, no que é um grande hino às raízes da cultura brasileira, como é caracterizada, a dado ponto, “com ADN negro”. Enquanto se fala de música e da sua identidade histórica e cultural, Magalhães toca noutros assuntos, mais ligados ao dia-a-dia da favela, às dificuldades sociais e económicas por que passam estes adultos que hoje, olhando para trás, se recordam de “quão felizes eram mas não o sabiam”. Entre o que são hoje e o que projetaram ser nas suas infâncias marcadas pelos ritmos e cores do samba e do carnaval, há a história de uma sociedade que Magalhães encara de maneira subtil, sem transformar o fio de testemunhos num lacrimatório, simplesmente aludindo às histórias de dificuldades subjacentes inclusive aos casos de sucesso.

O retrato mais paradigmático é o de Wesley, cuja história de vida é contada em jeito de tributo à sua determinação, sendo que, para tal, Magalhães não esconde, bem pelo contrário, todo o contexto muito difícil no qual este talento nato da percussão foi singrando, numa progressão

não linear, já que os obstáculos e tentações foram muitos. O caminho pedregoso não se mostra aqui somente *no* meio musical da escola de samba, mas *a partir* dele. Nem todos se tornaram figuras de proa na música, como Wesley, hoje mestre da bateria. É o caso da rapariga que abdicou de uma carreira ligada à dança, nomeadamente como “passista”, para abraçar a maternidade e a Igreja Evangélica.

Para um espectador não brasileiro, acredito que o interesse deste documentário seja ainda maior, por força de um retrato contrastante, e em certa medida pitoresco, posto em evidência pelas duas grandes vias de fuga ao mundo condenado à tragédia das armas e da droga: uma, de máxima utilização e exposição do corpo que, no caso das mulheres, é exibido e esculpido por essa economia gerada a partir do mais exuberante carnaval do mundo; outra, de recolhimento e temperança, numa devoção à dimensão espiritual da vida. Este aspecto chamou-me especialmente a atenção, graças ao confronto que Magalhães promove entre dois tipos de mulheres. Todavia, o mais interessante aqui é que o confronto não é conflituoso (Magalhães sabe muito bem não julgar os seus “assuntos”), tratando-se, muito simplesmente, de maneiras diferentes de integração social e construção de um futuro, num meio atravessado pela violência. Modos de lidar moralmente, pelo corpo e pelo espírito, com os males da sociedade, sendo o principal a pobreza.

Luís Mendonça